

SER MULHER PROFESSORA DE INFORMÁTICA: A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DE PROFESSORAS DE INFORMÁTICA DO IFRN

Daianne Jéssica Diniz ¹
Ana Eliza Soares Trajano ²

RESUMO

Este artigo é baseado na pesquisa apresentada no trabalho de conclusão de curso intitulado “Análise da trajetória das Professoras de Informática do IFRN em Natal e Região Metropolitana” desenvolvido pela autora. A pesquisa partiu de uma inquietação a respeito da pouca quantidade de professoras do IFRN na área de informática, o que levou ao questionamento: a trajetória acadêmico-profissional influencia na escolha da profissão da professora de informática? Compreendendo que o gênero não é definido biologicamente, mas tomando-o como uma construção social, e entendendo que há uma influência de gênero na escolha profissional, a pesquisa teve como objetivo compreender como a trajetória acadêmico-profissional influencia no tocante a escolha da profissão das professoras de informática do IFRN. A princípio, foi realizado um levantamento quantitativo com o único objetivo de constatar a hipótese com relação a pouca quantidade de professoras de informática. Após confirmação da hipótese, foram selecionadas 5 professoras de informática para realizar entrevista de caráter semiestruturado. A metodologia escolhida para análise de dados foi a Análise de Conteúdo. Os resultados apontaram discriminação de gênero na escolha bem como na permanência de mulheres na área de informática, em âmbito acadêmico e profissional.

Palavras-chave: Docência, IFRN, professora de informática, trajetória acadêmico-profissional.

INTRODUÇÃO

A área de informática é tida como masculina socialmente e esse fato está refletido na massiva presença de homens nos cursos de graduação e atuando nos múltiplos setores da informática. Existe uma ideologia a respeito da pouca presença das mulheres na informática que justifica esse fato como sendo devido a uma falta de interesse natural na área, no entanto essa naturalização é questionável, porque a diferença entre gêneros é uma construção das interações sociais (RAPKIEWICZ, 1998).

Saboya (2013) diz que a definição do que é masculino e feminino está na sociedade por padrões construídos historicamente, assim, ao tomar decisões os indivíduos são norteados por esses padrões. A escolha profissional é uma decisão que acontece ao longo da vida e, conseqüentemente, é influenciada por um contexto histórico cultural.

Nesse contexto, e diante da hipótese da pouca presença de mulheres professoras da área técnica de informática no IFRN, surgiu uma inquietação: a trajetória da professora de

¹ Graduada pelo curso de Licenciatura em Informática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN, djessicadinizz@gmail.com;

² Professora Orientadora: Mestra pelo Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN, trajano.ana@ifrn.edu.br.

informática influencia na sua escolha profissional? Essa inquietação moldou a pesquisa de forma que ela se caracterizou como uma reflexão a respeito da trajetória das professoras de informática do IFRN. O objetivo da pesquisa foi compreender como a trajetória acadêmico-profissional influencia no tocante a escolha da profissão de professora de informática no IFRN.

Para alcançar esse objetivo, foi realizado primeiramente um levantamento quantitativo dos professores, com recorte de gênero, nos campi selecionados para a pesquisa, sendo estes campi: Parnamirim, Ceará Mirim, São Gonçalo do Amarante, Natal Zona Norte e Natal Central. Os sujeitos da pesquisa foram seis professoras de informática, selecionadas de acordo com os pré-requisitos de ser professora de informática do IFRN nos campi delimitados para a pesquisa e estar disponível para ser entrevistada. O método de coleta dos dados utilizado foi a entrevista semi-estruturada. A metodologia de análise dos dados utilizada foi a Análise de Conteúdo proposta por Laurence Bardin (Bardin, 2011, apud Câmara, 2013).

Para compor o referencial teórico da pesquisa, foi utilizada a concepção de sujeito baseada em Vygotsky, na qual os seres humanos são multifacetados, formados pelos âmbitos cultural, social, biológico e histórico (Goes, 2000). A concepção de gênero que embasa o trabalho é a de Simone Beauvoir, segundo a qual o tornar-se mulher e o tornar-se homem é socialmente produzido (BEAUVIOR, 2009), complementada com os estudos de Louro (2008) e Caldas-Coulthard (2004).

Os resultados da pesquisa indicam que as desigualdades relacionadas ao gênero têm persistido historicamente e essas práticas excluem e discriminam um gênero em detrimento do outro nas mais diversas áreas profissionais. Na área de informática, isso reflete diretamente na inserção e na permanência das mulheres na área, apresentando dificuldades desde a escolha da profissão, passando pela graduação e chegando ao mercado de trabalho.

METODOLOGIA

A pesquisa apresentada neste artigo é de natureza essencialmente qualitativa. Ainda que existam, em alguns momentos da pesquisa, a análise de dados quantitativos, estes foram utilizados apenas para fins de verificação e discussão. Dessa maneira, não era objetivo do trabalho fazer uma análise de dados numéricos aprofundada. Também é importante esclarecer que, por se acreditar que cada vivência seja única, individual e pessoal a pesquisa não teve o objetivo de generalizar nem ao menos comparar qualitativamente as experiências das professoras, contudo acredita-se que as semelhanças reveladas nos discursos demonstram percursos análogos e pretendeu-se trazer reflexões acerca disso.

A primeira parte da pesquisa foi definir os campi do IFRN e, dessa forma, foram selecionados os que estavam geograficamente localizados em Natal ou Região Metropolitana e que ofertassem cursos na área de informática, dessa forma ficaram definidos os campi: Parnamirim, Ceará Mirim, São Gonçalo do Amarante, Natal Zona Norte e Natal Central. A partir daí, foi realizado um levantamento de dados relacionados ao número de docentes homens e mulheres que atuam como professores de informática nesses campi.

Ao todo foram 6 sujeitos de pesquisa. As entrevistas foram realizadas individualmente e aconteceram de dezembro de 2017 a janeiro de 2018. Elas eram compostas de duas questões principais, de forma que as perguntas eram abertas permitindo a fluidez do diálogo, configurando como uma entrevista semiestruturada. Para registro dos dados foi feito o uso de gravações dos áudios com prévia autorização das entrevistadas.

A metodologia de análise dos dados utilizada foi a Análise de Conteúdo proposta por Laurence Bardin (Bardin, 2011, apud Câmara, 2013). Com base nessa metodologia, a análise foi realizada em três etapas, a saber: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados.

Na pré-análise, foi realizada a transcrição das entrevistas e uma leitura flutuante do material, com objetivo de formular hipóteses e objetivos, para que fosse possível a criação dos indicadores que orientariam a interpretação. Na etapa de exploração do material, segunda etapa, foram identificados os padrões presentes nos discursos e criadas as unidades de codificação, ou seja, as categorias de análise. De posse dessas categorias foram confeccionados os quadros matriciais. Esses quadros consistiam em duas colunas: semelhanças (coluna 1) e verbalizações da entrevista (coluna 2). Na terceira e última etapa, o tratamento dos resultados, os dados brutos foram transformados em informações significativas, com auxílio dos quadros matriciais, onde foi possível fazer uma definição das categorias, de modo a desvelar os sentidos nas entrelinhas dos discursos.

DESENVOLVIMENTO

“A construção do gênero e da sexualidade dá-se ao longo de toda a vida, continuamente, infundavelmente.” (LOURO, 2008, p. 18), ou seja, o tornar-se mulher e o tornar-se homem é socialmente produzido, ninguém nasce finalizado, constrói-se, e essa construção não tem um fim pré-determinado. Da mesma forma nossas identidades não são determinadas pelo nosso sexo biológico, essa construção ocorre de uma forma mais diversa e

se estabelece na forma como nossas características se apresentam socialmente, ao valor atribuído a elas e em que contexto histórico elas estão situadas (SABOYA, 2013).

Na sociedade, os gêneros vão sendo construídos e moldados de forma que se estabelecem regras para o que é masculino e o que é feminino. Esses padrões pré determinados, de uma maneira sutil, vão direcionando o sujeito ao que ele deve ou não ser ou ao que a sociedade espera que ele seja. Esse direcionamento acaba sendo refletido nas decisões e escolhas do sujeito durante a sua vida em diversos aspectos. Nesse viés, a escolha profissional do sujeito vai ser diretamente influenciada pela diferenciação de gênero em relação as profissões, ou seja, vão existir profissões “de homem” e profissões “de mulher”. Sobre isso, reitera Lima (2013)

[...] antes mesmo da separação hierárquica, que determina quem deve ser o dominador e quem é o dominado, está o princípio de separação dos sexos em relação ao trabalho para determinar trabalhos de homens e trabalhos de mulheres. A legitimidade de tais princípios estão presentes em todos os tipos de sociedade, legitimados por uma ideologia naturalista que relaciona gênero ao sexo biológico, reduzindo as práticas sociais a papéis sociais sexualizados. (LIMA, 2013, p. 799)

Podemos perceber essa diferenciação do que é feminino e do que é masculino desde a nossa infância, inclusive se analisarmos os brinquedos que são oferecidos aos meninos e as meninas. As crianças são apresentadas aos padrões de comportamento ditos como adequados ao feminino ou masculino desde muito novas e assim as meninas são instruídas a brincar de “casinha”, de “família”, de dançar, de desfile de moda, de maquiagem e etc, enquanto os meninos são estimulados com armas de brinquedo, carrinhos, ferramentas, super heróis, astronautas, exploradores, lutadores, videogames, carros de controle remoto e outras brincadeiras dessa natureza (CALDAS-COULTHARD, 2004).

Os padrões de comportamento definidos pelo gênero vão direcionando os sujeitos desde a sua infância e vão acompanhando-lhes ao longo da vida, orientando-os inconscientemente em relação às escolhas que tomam ou ao que consideram serem capazes de fazer. Pensando mais especificamente sobre as mulheres, além do filtro de gênero, outras normas de conduta e comportamento femininos vão limitando as escolhas delas, desde muito novas, ao longo de sua vida de acordo com o que a sociedade julga adequado ou não ao seu gênero e a expressão de sua feminilidade, isso acaba por reduzir as opções de carreiras a seguir no âmbito profissional (BIAN, LESLIE, CIMPIAN, 2017).

O estudo de Lima (2013) traz uma reflexão em relação ao fato de, apesar de hoje existir uma maior presença de mulheres tendo acesso ao ensino superior e a pós-graduação, as relações de gênero presentes na sociedade trazem consequências na escolha da área de estudo

pelas mulheres, ou seja, a divisão sexual do trabalho está presente na hora da definição do curso que as mulheres escolhem na graduação e conseqüentemente na docência.

Nas principais Universidades públicas do estado do Rio Grande do Norte (UFRN, UERN e UFRSA) há claramente desigualdades de gênero em diversas áreas, contudo em maior evidência nas áreas de Ciências Naturais e Engenharia. Nelas, a média geral de professoras atuando na área tecnológica no ano de 2011 era de 19,49% do total. Em contrapartida, nas áreas de saúde na UFRN as mulheres docentes totalizavam 52,21%; Na UERN na área de Saúde (47,73%) somado à área de Enfermagem (72,73%) totalizava em 60,23% de predominância feminina; e, por último, na Ufersa, que não possui cursos na área de saúde, a presença feminina mais marcante está na área de Ciências Sociais onde 45,83% das docentes são mulheres (CABRAL, 2011).

Os dados expostos anteriormente demonstram um indicador de gênero por área de atuação no RN, mas não é apenas aqui que essa situação acontece. O quantitativo das mulheres em minoria na área de informática é uma realidade presente em todo nosso país. Lima (2013) afirma que a participação das mulheres ocorre de forma mais significativa nas Ciências Humanas, Saúde e Ciências Sociais, reproduzindo ainda padrões de dominação social que se perpetuam pelas gerações.

Nesse sentido, alguns fatos são de fundamental importância para compreender as questões que norteiam essa pesquisa e conseguir chegar na compreensão do que leva atualmente as mulheres a serem minoria na área de informática, são eles: como aconteceu a entrada da mulher da educação no Brasil e quais os papéis ocupados por elas nesse contexto. Também é importante perceber de que forma a mulher tem ocupado espaços na área de informática.

Durante muito tempo na sociedade brasileira a mulher ocupou exclusivamente o espaço doméstico. O homem era o provedor e a mulher, a cuidadora. Sendo assim, o mundo político, científico e social era totalmente moldado por valores masculinos. O conhecimento era visto como prejudicial as mulheres, pois poderia prejudicar as suas habilidades “naturais” e até sua capacidade reprodutiva (GODINHO, 2005).

Apenas no início do século 20, as mudanças socioeconômicas, impulsionadas pelos processos de industrialização, começam a modificar os moldes sociais vigentes por meio da grande difusão dos meios de comunicação e informação que impulsionaram o movimento feminista, trazendo à tona as lutas desta categoria. (ALMEIDA, 2000).

No Brasil, o início do século 20 foi marcado por diversas conquistas femininas, porém ainda havia uma certa resistência em relação a participação das mulheres nas escolas e, por

consequência disto, seguirem carreiras profissionais. A industrialização surge nesse contexto trazendo à tona uma alta demanda por mão de obra para o mercado de trabalho e não mais era suficiente que as mulheres se limitassem ao âmbito doméstico.

Nesse ponto, é importante ressaltar a presença das mulheres no IFRN que se deu no século 20. A expansão do capitalismo no Brasil e a Ditadura Militar ocasionaram mudanças no âmbito educacional. A necessidade de uma formação profissional que englobasse as novas tecnologias e atendesse as demandas do capitalismo se fazia necessária. Diante desse cenário, o presidente da época, Nilo Peçanha, ordena a criação de 19 (dezenove) Escolas de Aprendizes Artífices em 23 de setembro de 1909, uma delas localiza na cidade de Natal/RN. No período do seu surgimento a Escola de Artífices era exclusiva do público masculino e apenas no ano de 1975, mais de 65 anos após a sua criação, as mulheres passaram a ter acesso aos cursos regulares da então chamada Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte - ETRN (NOGUEIRA, 2017).

Mesmo após o acesso à educação profissional, nos anos 1990 as mulheres ocupavam o mercado majoritariamente nas profissões de professoras, empregadas domésticas, enfermeiras, costureiras e secretárias (VIANNA, 2013).

Desse contexto surge um fato interessante que compõe parte da base para a problemática dessa pesquisa. Ainda que desde o início do processo de escolarização feminino a profissão de professora tenha sido tida como inerente à mulher, ao se fazer uma análise atual de como está distribuído por gênero o professorado no Brasil percebe-se que quanto mais se avança na hierarquia acadêmica, menos mulheres estão presentes como professoras. As mulheres começam como imensa maioria no ensino básico e esse percentual vai decaindo até apresentar uma diminuição significativa nos cursos de graduação. A presença majoritária das mulheres no ensino básico é um fenômeno chamado de feminização do magistério. Lima (2013) disserta sobre esse fenômeno

A sociedade ocidental, organizada em um sistema de patriarcado, excludente dos direitos e anseios das mulheres, admite que o lugar social da mulher no âmbito público e profissional é na docência. Como possibilidade de efetiva inserção nesse meio, muitas mulheres se sentiram atraídas pela profissão, provocando uma entrada maciça delas na metade do século XX, gerando um fenômeno conhecido como feminização do magistério (LIMA, 2013, p. 797 e 798).

Vianna (2013) em sua narrativa diz que ainda que os homens estejam presentes mais significativamente na função de educadores atualmente, a análise das implicações de gênero nesse cenário da docência no Brasil está além de uma simples composição sexual da categoria

docente, tendo em vista que encontramos mais homens justamente nas modalidades do ensino que oferecem maior remuneração ou prestígio. É preciso refletir como está distribuída a presença feminina na educação em todos os níveis. Em se tratando de inclusão social, pouco adianta as mulheres estarem presentes em um contexto social sem que a ocupação dele ocorra de forma igualitária.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas entrevistas, muitos pontos foram relatados pelas professoras durante a reconstrução da sua trajetória acadêmica e profissional: as vivências na escolha da profissão e na graduação, situações vividas no meio acadêmico e profissional, desafios e dificuldades relacionados a ser mulher na área de informática, influência familiar, representatividade, entre outros. Desses pontos, após análise dos dados, com o objetivo de entender a trajetória das professoras de informática, foram definidas 4 (quatro) categorias de análise (1. Iniciação à docência; 2. Iniciação na área de informática; 3. A presença feminina e as estratégias de permanência na área de informática; e 4. Obstáculos) e cada uma delas será discutida nos tópicos subsequentes.

1. Iniciação à Docência

Nos relatos das professoras, era frequente a menção ao fato de não pretenderem inicialmente seguir na carreira docente. No entanto, uma vez atuando como professora, aparecem nos relatos termos referentes à realização profissional. A professora Betty relata que ao concluir o curso de graduação ela precisava sentir o mercado de informática, contudo não com a docência e por esse motivo ela adiou a sua atuação como docente

Porque no primeiro momento eu queria ir para o mercado de trabalho, mas não como docente, pra sentir mesmo o mercado. [...] é tanto que quando eu terminei a faculdade eu não fui logo ser docente, eu terminei em 2003 e só comecei a atuar como docente na área da computação em 2005. E aí eu tive essa experiência em sala de aula, gostei, me identifiquei, tive a certeza de que era aquilo que eu queria fazer profissionalmente (Professora Betty, 2018).

No entanto, a oportunidade que apareceu para Betty foi a da docência e, a partir disso, ela percebeu que era aquilo que ela queria fazer profissionalmente. Da mesma forma aconteceu com a professora Kath, que ao terminar o curso não sabia o que ia fazer e optou por ser professora apesar de nunca ter considerado seguir carreira docente

Nunca tinha pensado em ser professora, entrei porque agarrei a oportunidade e tal, tava acabando o curso “o que é que eu ia fazer?” e não tinha nada a vista. Pronto, aí entrei como professora, aí quando comecei depois de um semestre eu gostei. [...] eu tava trabalhando ao mesmo tempo numa agência de desenvolvimento web, continuei na agência acho que mais um ano, aí depois eu fiz não, eu quero ser professora mesmo que é mais dinâmico (Professora Kath, 2018).

A professora Kath, ainda que tenha trabalhado na área de informática com desenvolvimento web, acabou optando por ficar só na docência por considerar um ambiente mais dinâmico. Nos relatos de todas as professoras entrevistadas seguiram esse mesmo padrão: a professora não pensava em lecionar, foi pra docência por uma oportunidade surgida e, por último, se surpreendeu, gostou, encontrou o seu lugar.

É certo que existem vários motivos que despertam paixão e interesse nas pessoas por uma profissão, no entanto o que se quer chamar atenção nesse ponto é o padrão de situação das 6 entrevistas realizadas. Todas as professoras relatam que entraram na docência não por opção principal, mas porque era o que estava disponível e, uma vez experienciando a docência, elas se sentiram confortáveis naquele papel que estavam exercendo.

2. Inserção na área de informática

A escolha profissional vem muito cedo no nosso sistema de ensino. Na maioria dos casos, são adolescentes, com pouca experiência diante de uma decisão profissional, que escolhem uma profissão que vai direcionar o percurso da sua vida dali em diante. Nesse contexto, a diferenciação das profissões por gênero é naturalizada pelos estereótipos que são produzidos e reproduzidos na sociedade e acaba sendo comum que as meninas, ao escolherem o curso que querem fazer no vestibular, optem por profissões tidas como femininas. Nos trechos de fala, algumas opções escolhidas pelas mulheres foram, por exemplo, serviço social, medicina e direito.

Eu fiz meu vestibular pra serviço social [...] eu fiz pra UFRN pra serviço social (Professora Kath, 2018).

Acho que meu primeiro vestibular eu fiz pra medicina ou se foi pra direito, eu não me lembro mais não [...] Sei que eu não passei na UFRN né, não passei na UFRN e passei no IF (Professora Grace, 2018).

Embora inconscientemente, existem padrões sutis que fazem com que as mulheres se considerem aptas a exercer determinada função. Mulheres que optam por áreas tradicionalmente marcadas pela presença masculina, desde a escolha dessa profissão estão colocando sua feminilidade a julgamento pelas pessoas e na dinâmica dessas relações sociais são consideradas “menos femininas” que outras.

3. A presença feminina na informática e as estratégias de permanência: da graduação a inserção no mercado de trabalho

A organização das meninas em grupos de apoio que acabam se configurando como estratégia de permanência na graduação é um ponto de discussão muito importante. A

professora Ada, a medida que foi narrando sua trajetória, foi fazendo uma reflexão a respeito dessa situação. Ela lembra que na sua época de graduação os trabalhos e os grupos de estudo eram compostos só pelas meninas que estudavam com ela e atribui a coincidência. Logo em seguida, ela traz a reflexão para sua vivência como professora e nota que os grupos são feitos por meninas, a partir disso ela usa a expressão “vai que tá no ar” sobre o conforto de estar num grupo com pessoas em que há uma identificação

na maioria das vezes, apesar de ter amizade mesmo com os meninos, essa questão dos trabalhos, de estudar assim era muito as meninas, [...] não sei se por coincidência, porque aqui alguns semestres a gente tem tido tipo 5 alunas, 6 ou mais na turma, 10, 12, e aí a gente observa que os grupos de projetos são só de mulheres, dois grupos cada um com 5 ou 6 mulheres e os grupos de homens separados. Não sei se isso é natural se agrupar assim ou se né não mistura! Engraçado, mas... e na minha época era assim os grupos não eram heterogêneos não, eram homogêneos.

Porque às vezes tá em... você nem percebe, mas né pelo falo de isso acontecer vai que tá no ar essa questão de ah eu me sinto mais confortável aqui, me identifico mais se eu fizer trabalho com as meninas (Professora Ada, 2018).

As mulheres, uma vez presentes em áreas nas quais o espaço é socialmente configurado para homens, desenvolvem estratégias de permanência juntando-se a outras mulheres, como diz Lima (2013)

Ser mulher em uma área da ciência cujo território é de grande maioria de homens gera formas acumulativas de discriminação que provocam a segregação [...] Para vencerem a resistência à presença feminina nesse espaço configurado para homens, elas precisam juntar-se às outras, adotar mecanismos para minimizar a sua feminilidade e, passivamente, buscar o reconhecimento do seu saber fora dos limites institucionais. (LIMA, 2013, p. 813)

Todas essas estratégias de permanência desenvolvidas pelas mulheres na área de informática vêm desde a escolha do curso, passam pela graduação e chegam até o ambiente de trabalho. Elas se configuram como forma de transpor os obstáculos informais que aparecem em suas trajetórias acadêmicas e profissionais. Esses obstáculos serão descritos no próximo tópico.

4. Obstáculos - “vai ter que ralar pra mostrar a que veio pra poder ser aceita”

Labirinto de Cristal é um termo proposto por Lima (2013) para designar os obstáculos encontrados pelas mulheres, apenas pelo fato de serem mulheres, presentes em toda a sua trajetória desde antes da escolha da área de atuação profissional. Esse termo ilustrativo simboliza as diversas categorias de dificuldades que a mulher passa e suas consequências. As armadilhas presentes no labirinto de cristal seriam as responsáveis pela trajetória dificultada das mulheres na ciência, dispostas ao longo da carreira em diversos momentos. As barreiras podem passar despercebidas e nem serem consideradas como

dificuldades reais pelas mulheres uma vez que não são barreiras formais, mas sua construção se dá no âmbito cultural. Nesse sentido, foi possível perceber que algumas professoras, ao narrar suas dificuldades, tinham cuidado com a generalização reiterando que aquela era uma situação que tinha acontecido especificamente com ela e tentando justificar o porquê de aquilo ter acontecido.

A professora Ada em sua narrativa, conta sobre quando iniciou sua carreira, relatando que tinha que passar a aula inteira se defendendo em meio as perguntas que os alunos faziam a ela, testando sua capacidade. Ela atribui isso à sua pouca idade e a turma ser composta apenas por homens mais velhos do que ela

No começo eu senti muita... muita barreira assim, enorme assim, parece que... porque também eu era muito nova e acho que os alunos... até pela idade né? Por ser mulher e por ser muito nova [...] e os alunos já eram todos, a maioria já era mais velho do que eu né, então eu passava a aula quase toda quando eu ia fazer uma explicação me defendendo, eu tinha que mostrar que eu sabia porque eu era bombardeada de perguntas [...] e tinha algumas pessoas que me procuravam e diziam “professora, eu acho que não tem nada a ver, o pessoal realmente tá exagerando nisso de ficar né lhe testando” tipo, eles ficavam me testando (Professora Ada, 2018).

Em outra entrevista, a professora Betty narra o processo de reafirmação para conseguir a aceitação dos alunos e, ao mesmo tempo que fala sobre não recordar de nada que tenha dificultado o caminho, descreve situações com diversos obstáculos, reafirmando a ideia de que essas dificuldades podem aparecer de maneira tão sutil que as professoras nem consideram como uma barreira.

Porque num primeiro momento eles te olham como mulher, então tem aquele machismo, de, de... “ah é uma mulher” e tudo, e dá em cima, né? Tentar confundir as coisas [...] aí você quando tem essa postura desde o começo de não aceitar, digamos assim, as piadinhas ou então tentar te inferiorizar ou duvidar de você porque você é mulher, no momento em que você demonstra que você tem conhecimento aí eles passam a te respeitar. Então assim, graças a deus, minhas turmas sempre me respeitaram (...) (Professora Betty, 2018).

A análise das dificuldades relatadas pelas professoras nas suas trajetórias profissionais confirma a teoria do labirinto de cristal proposta por Lima (2013) quando demonstra que os obstáculos que aparecem sutilmente, muitas vezes sem nem serem percebidos como obstáculos de fato, trazem consigo a realidade de uma trajetória construída em um ambiente direcionado por valores e padrões masculinos que prejudicam, limitam e conduzem a participação das docentes da área de informática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se ainda hoje a presença das mulheres na informática vem diminuindo esse fato configura como um indicativo de que existem processos que fazem com que as mulheres não se sintam parte dessa área. É preciso transformar o imaginário social de que alguém não é capaz de exercer determinada função devido ao seu gênero. Além disso, é necessário e fundamental para as mulheres se entenderem e se reconhecerem nesse processo de dominação de gênero presente na sociedade, para poder desvelar a realidade aparente e lutar contra essa forma de dominação.

Entender a trajetória acadêmico-profissional das professoras significa compreender que os dados resultantes da pesquisa são referentes a mulheres imersas num mundo onde o padrão masculino predomina e, dessa forma, ao dizer que nunca sofreu preconceito, a professora, na verdade, está apenas atribuindo para si uma culpa que é resultado dos padrões sociais predominantes no lugar social que ela está ocupando. Nesse contexto, a professora acaba por se adaptar a uma realidade cotidiana de piadas sexistas, ser diminuída, ser testada, ser inferiorizada e, além de tudo, ter raras representações nos cargos de poder.

Dois principais pontos apareceram na análise de dados, mas não foram discutidos nos resultados por não estarem relacionados aos objetivos da pesquisa, no entanto convém mencioná-los. O primeiro diz respeito aos padrões masculinos pré-concebidos na sociedade que também prejudicam os meninos e são muitos danosos nas relações sociais, considerando que as pessoas são plurais, múltiplas e a sociedade é cruel quando as obriga a se encaixarem em padrões. Outro ponto diz respeito a sensibilidade que o professor precisa ter para não reproduzir os estereótipos sociais em sua prática docente. São pontos que poderiam direcionar pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. As lutas femininas por educação, igualdade e cidadania. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília, v. 81, n. 197, p. 5-13, jan./abr. 2000.

BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo: fatos e mitos. Tradução Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BIAN, Lin; LESLIE, Sarah-Jane; CIMPIAN, Andrei. Gender stereotypes about intellectual ability emerge early and influence children's interests. Science, v. 355, p. 389-391, jan. 2017. Disponível em: <<http://science.sciencemag.org/content/355/6323/389>> Acesso em: 16 abr. 2018.

CABRAL, Carla Giovana; OLIVEIRA, Angélica Genuíno de. Igualdade de gênero em ciência e tecnologia como indicador para um desenvolvimento social. In: Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade, 4; 2011, Curitiba. Anais... Curitiba: Universidade Tecnológica

Federal do Paraná, 2011. Disponível em: <<http://www.esocite.org.br/eventos/tecsoc2011/cd-anais/arquivos/pdfs/artigos/gt021-igualdadede.pdf>> Acesso em 18 mai. 2018.

CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa; LEEUWEN, Theo Van. Discurso crítico e gênero no mundo infantil: brinquedos e a representação de atores sociais. *Linguagem em Discurso*, v.4, ed. especial, p.11-34. 2004.

CÂMARA, Rosana Hoffman. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. *Gerais, Revista Interinstitucional de Psicologia*, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 179-191, jul./dez. 2013.

GODINHO, Tatau; RISTOFF, Dilvo; FONTES, Angela; XAVIER, Iara. *Trajetória da mulher na educação brasileira, 1996- 2003*. Brasília: INEP, 2005.

GOES, Maria Cecília Rafael de. A formação do indivíduo nas relações sociais: Contribuições teóricas de Lev Vigotski e Pierre Janet. *Revista Educação & Sociedade*, Campinas, v. 21, n. 71, p. 116-131, jul. 2000.

LIMA, Betina Stefanello. O labirinto de cristal: as trajetórias das cientistas na Física. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 883-903, set./dez. 2013.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e Sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições*, v. 19, n. 2, p. 17-23, maio/ago. 2008.

NOGUEIRA, Luana Brenda da Silva. *Relações sociais de sexo/gênero e educação: o acesso de mulheres ao ensino regular dos Institutos Federais do Rio Grande do Norte como uma dimensão da luta feminista por direitos sociais*. Natal, 2017, 89 f. Monografia – UFRN, 2017.

PROFESSORA ADA. Entrevista. Natal, 21 dez. 2017.

PROFESSORA BETTY. Entrevista. Natal, 02 jan. 2018.

PROFESSORA GRACE. Entrevista. Natal, 20 dez. 2017

PROFESSORA KATH. Entrevista. Natal, 22 dez. 2017.

RAPKIEWICZ, Clevi Elena. "Informática: Domínio masculino?". *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 10, p. 169-200. 1998. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51179/>> Acesso 05 jul. 2018.

SABOYA, Maria Clara Lopes. *Relações de gênero, ciência e tecnologia: uma revisão da bibliografia nacional e internacional*. *Educação, Gestão e Sociedade*, São Paulo, ano 3, n. 12, p. 1-26, nov. 2013.

VIANNA, Cláudia Pereira. A feminização do magistério na educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente. In: YANNOULAS, Silvia Cristina (Org.). *Trabalhadoras: análise da feminização das profissões e ocupações*. Brasília: Abaré Editorial, 2013.